

# **Não somos uma ilha:** aproximações da universidade com a luta pela reforma agrária

Luis Fernando de Miranda<sup>1</sup>, Diógenes Valdanha Neto<sup>2</sup>

## **Resumo**

O texto traz uma breve reflexão sobre o cenário político atual e localiza a realização da II Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária Popular, na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba, Minas Gerais, nesse contexto. É apresentada a transcrição da fala de Seu Luis, acampado e militante do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) da região de Uberaba, proferida durante o evento. A importância da manifestação de quem vive e realiza a luta social é reforçada, e um convite para uma apreensão cuidadosa da fala é feito, visando possibilitar uma melhor compreensão desse cenário de luta pela reforma agrária e do papel que a universidade pode ter na construção desses caminhos. A busca do elemento popular da luta e da educação é enaltecida em sua necessidade e potência libertadora.

## **Palavras-chave**

Educação Popular. Educação do Campo. Reforma Agrária. Movimentos Sociais. MST.

**1.** Coordenador regional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), Uberaba, Minas Gerais. E-mail: lufermi12@gmail.com.

**2.** Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo; professor do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais. E-mail: diogenesvn@gmail.com.

# **We are not an island:** university movements towards the struggle for agrarian reform

Luis Fernando de Miranda\*, Diógenes Valdanha Neto\*\*

## **Abstract**

This passage provides a brief overview on the current political landscape and turns the spotlight on the II Series of University Talks in Defence of Popular Agrarian Reform held at the Federal University of Triângulo Mineiro in Uberaba, State of Minas Gerais. A transcription of a speech given by an MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Landless Rural Workers' Movement) activist camped in the surroundings of Uberaba, during the above-mentioned event was transcribed. Importance is given to the commitment of those standing up for social issues, and people are invited to make a careful assessment of the speech in order to understand the fight for agrarian reform and the role that universities might play regarding it.

## **Keywords**

Popular Education. Rural Education. Agrarian Reform. Social Movements. MST.

\* Regional MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) coordinator, Uberaba, State of Minas Gerais. E-mail: lufermi12@gmail.com.

\*\* PhD student in Education, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor for the undergraduate course in Rural Education, Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: diogenesvn@gmail.com.

## Palavras Introdutórias

A ordem é ninguém passar fome / Progresso é o povo feliz / A Reforma Agrária é a volta / do agricultor à raiz.

Zé Pinto, *Ordem e Progresso*, 2002.

O ano de 2016 está sendo marcado por grandes mudanças e disputas políticas que vêm movimentando o cenário nacional tanto nos blocos de resistência em defesa das conquistas sociais dos últimos anos quanto nos grupos que têm defendido a ideia de que o país precisa “voltar a gerar lucro” aos empresários. Como destacado por Arbex Júnior (2016, p. 10) ao comentar o golpe político-midiático contra a presidenta Dilma:

A motoniveladora do capital passa por cima das instituições e arrebenta com o estado nacional. Ela não suporta o “estorvo progressista” representado pelos governos populares latino-americanos, menos ainda no caso brasileiro.

Ocorre que explicitações, mesmo que parciais, dos esquemas e conchavos necessários para governar uma nação comumente geram inconformismo e decepção na população. Tivéssemos aprendido com os grandes pensadores anarquistas e saberíamos que a corrupção é parte constitutiva do poder. É possível minimizá-la, combatê-la, mas nunca eliminá-la em uma sociedade hierarquizada.

Os movimentos sociais mais organizados têm percebido isso ao longo das já diversas experiências após a redemocratização do país. Manifestação disso é a atual militância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para a adjetivação da luta pela reforma agrária como popular. Qualificação que visa à emancipação do povo na construção de sua história, não esperando do Estado a solução de seus males.

Nesse contexto, foi realizada na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em maio de 2016, a II Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária Popular, juntamente com o III Colóquio sobre Questão Agrária. As jornadas universitárias em defesa da reforma agrária são uma iniciativa em âmbito nacional que estão em seu terceiro ano de acontecimento – sendo, na UFTM, o segundo ano. O objetivo é articular diversas ações de (in) formação e esclarecimento dos estudantes das universidades públicas sobre as lutas do campo.

O evento contou com cerca de 180 participantes no total, desde a aula pública de abertura realizada na Praça Nossa Senhora da Abadia, em Uberaba, passando por oficinas, mesa de debates e dia de vivência em territórios da reforma agrária no Triângulo Mineiro. O grupo participante do dia de vivência teve experiências valiosas de diálogos com moradores de dois acampamentos – 19 de março e Rosa Luxemburgo, ambos no município de Uberaba.

A jornada foi organizada por meio de um coletivo composto por docentes dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, História, Geografia e Serviço Social; alunos de diversas áreas, funcionários não docentes, e militantes do MST. Um dos organizadores, militante do MST, foi convidado a fazer uma fala na mesa de debates realizada na noite de 6 de maio, com cerca de 150 pessoas presentes. A fala de seu Luis tocou fundo no sentir e pensar.

A Educação Popular também aprendeu e ainda aprende em sua trajetória a importância da escuta atenta àqueles que estão envolvidos diretamente na realidade estudada. Mais importante que conhecer as leituras e comunicações oficiais das políticas públicas e educacionais para – no sentido de “direcionada a” – certa população, é preciso ouvir o que as pessoas têm a dizer

sobre sua realidade a fim de propostas e soluções serem construídas conjuntamente.

Foi pensando nisso que emergiu a ideia de trazer a transcrição da fala de seu Luís para este espaço público do debate, divulgação e construção de ideias e práticas da educação popular. A essência desse texto é a mensagem a seguir, que deve ser recebida com a postura de humildade que a educação dialógica nos demanda para aprendermos com o outro. Lembremos que os elementos para a compreensão mais precisa do real estão manifestos nas colocações dos sujeitos que sentem a realidade (VALLA, 1996). Aprendamos com quem vive a luta da maneira mais radical possível.

Como destacou Freire (2011, p. 183, grifos do autor):

Numa perspectiva progressista, a *educação popular* não pode [...] reduzir-se ao puro treinamento *técnico* de que grupos de trabalhadores realmente precisam. Esta é a maneira necessariamente estreita de formar, que à classe dominante interessa, a que *reproduz* a classe trabalhadora como tal.

Para não reproduzirmos o tecnicismo hegemônico das propostas educacionais institucionalizadas atualmente, é necessário o diálogo com o saber e sentir popular. É preciso que as sensações nutram e orientem dialeticamente nossa construção de uma educação popular com as pessoas e que possa fortalecer a luta por transformações sociais populares em âmbito mais geral, e pela reforma agrária popular, em específico.

Não será realizada uma análise cientificamente amparada da fala de seu Luís. Ela será apresentada tal como foi originalmente veiculada, na intenção de povoar as mentes de quem a lê, falando por si mesma. Superemos as crises de interpretação e valorizemos o caráter popular da fala, da luta e da educação.

### **Fala para a jornada da reforma agrária...**

Boa noite. Meu nome é Luis Fernando de Miranda. Eu sou coordenador da área do acampamento 19 de março do MST.

Nossa luta contra o capital e contra o latifúndio é muito desigual e é a esperança que nos mantém nessa luta. A esperança, nossa coragem e determinação. Mas só isso não é o bastante. Para prosseguir, precisamos de organização. Um povo organizado é capaz de mudar seu destino e é de maneira organizada que vamos construindo essa aproximação do movimento sem terra com a universidade aqui no município.

Queremos que essa seja uma amizade que dê muitos frutos e que possamos conquistar juntos aprendizado e justiça social – não só enquanto acampados, mas que essa aproximação continue após a criação do assentamento para que projetos de interesses da comunidade sejam implantados em parceria da universidade com o movimento. Nossa comunidade já está ansiosa para receber e contribuir com ideias. Todos na comunidade já reconhecem essa aproximação como muito positiva. Por isso queremos que todos os amigos aqui presentes reconheçam em nós a disposição de sempre lutar e conquistar uma comunidade mais justa para todos. Convido vocês a continuar investindo nessa aproximação e no reconhecimento da importância da reforma agrária como forma de tornar menos injusta a sociedade que vivemos.

Nosso acampamento aqui no município está de portas abertas para toda a comunidade que queira contribuir para essa luta da reforma agrária. Enquanto existir um sem terra e terras improdutivas, ou que não atendam o interesse social, nós estaremos lutando pela reforma agrária. E queremos que vocês também abracem essa luta tão digna para uma pessoa que, como nós, tem a esperança em um mundo melhor e mais justo para todos.

E, falando sobre o momento atual da

política do Brasil, nós do MST entendemos que o que está sendo encaminhado por esse processo de impeachment nada mais é do que uma tentativa de tomar o poder através de um golpe contra uma presidenta legitimamente eleita e que nós como movimento de luta não podemos ficar de braços cruzados ante a essa arbitrariedade. Sabemos que quem quer tomar o poder na marra tem planos que não incluem os pobres, a justiça social e muito menos a reforma agrária. Por isso nós vamos onde e quando for preciso para lutarmos pela democracia que é tão importante para nós.

Nós não somos uma ilha. O que acontece

em Brasília e na política afeta a nós de várias maneiras, e é por isso que não podemos deixar de dar nossa opinião. E quando nossa liberdade está ameaçada por uma tentativa de golpe contra a democracia, entendemos que temos que lutar e temos feito isso da maneira que achamos possível, mas precisamos de mais apoio para que possamos ir mais longe na defesa da democracia que foi conquistada com tanto sacrifício por nós. Junto com a democracia os golpistas querem tirar também nossas conquistas sociais e direitos trabalhistas que conquistamos com tanto sacrifício. Por isso, a hora é de lutar. MST! MST! MST!

## **Referências**

ARBEX JÚNIOR, J. Lupemburguesia brasileira. **Caros Amigos**, São Paulo, 31 maio 2016, ano XIX, n. 230.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n.2, p.177-190, 1996.